

Uma prática de pesquisa participante: análise da dimensão social, política e pedagógica¹

A participatory research practice:
an analysis of the social, political and pedagogical dimensions

Danilo R. STRECK²

Telmo ADAMS³

Resumo

Este artigo reflete sobre o processo de pesquisa realizado junto a uma ONG da cidade de Curitiba (Paraná - Brasil) com atuação em diversos projetos sociais e educativos. Apresenta-se o caminho metodológico de pesquisa de caráter participativo, juntamente com alguns resultados imediatos, de acordo com os objetivos de formação dos sujeitos envolvidos e da avaliação institucional. A partir dessa exposição, analisa-se a pesquisa como uma prática social, enquanto participa na construção de significados e sentidos; uma prática política, porque a produção de conhecimento implica decisões de caráter ético-político; uma prática pedagógica promotora de relações inseridas no ensinar-aprender a sermos humanos.

Palavras-chave: Pesquisa participante. Prática social. Prática política. Prática pedagógica.

Abstract

The aim of this article is to reflect upon a research process carried out with an NGO in the city of Curitiba (Paraná - Brazil) which is active in a variety of social and educational projects. There is presented the methodological process of a research project marked by its participatory character, together with some immediate results for the institutional process of evaluation and education. The description of the process is followed by an analysis of research as a social practice, in as much as it participates in the construction of meanings purposes; a political practice while the production of knowledge implies ethical and political decisions; and a pedagogical practice which promotes relations integrated with the learning-teaching of being humans.

Keywords: Participatory research. Social practice Political practice. Pedagogical practice.

- 1 O Projeto, realizado entre 2009 e 2010, contou com apoio do CNPq, da CAPES (PROEX) e da MISEREOR. Participaram, pela UNISINOS, os seguintes estudantes: bolsistas de iniciação científica: Daiane Azevedo, Mirele Alberton, Dênis Wagner Machado, Letícia Silva e Jonas Hendler da Paz; doutorandos: Cheron Zanini Moretti, Ana Maria Formoso Calarraga, Janilson Barbosa, Adriana Losso, Lindomal Ferreira dos Santos; e Alvorí Ahlert, em estágio de pós-doutorado. A equipe do CEFURIA estava sob a coordenação de Ana Inês Souza.
- 2 Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Linha de Pesquisa: Educação, desenvolvimento e tecnologias. Grupo de Pesquisa: Mediação Pedagógica e Cidadania. Endereço: Av. Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei. CEP 93.022-000 São Leopoldo-RS, Brasil. Tel.: 3591-1122, R. 2168. E-mail: dstreck@unisinos.br. Endereço residencial: Rua Pastor Rodolfo Saenger, 144, Bairro Jardim América. CEP 93.035-110 São Leopoldo-RS.
- 3 Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Linha de Pesquisa: Educação, desenvolvimento e tecnologias. Grupo de Pesquisa: Mediação Pedagógica e Cidadania. Endereço: Av. Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei. CEP 93.022-000 São Leopoldo-RS, Brasil. Tel.: 3591-1122, R. 1156. E-mail: telmoa@unisinos.br. Endereço residencial: Rua Pedro José Kolling, 1850, Centro. CEP 93.990-000 Morro Reuter-RS.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 20	n. 44	p. 481-497	set./dez. 2011
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

Introdução

O presente artigo descreve e analisa uma prática de pesquisa que teve como referência empírica a atuação socioeducativa do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (CEFURIA), em Curitiba-PR. Este processo produziu centenas de páginas de documentos e tabelas, que não poderão ser objeto de análise detalhada neste trabalho, no qual a atenção estará voltada, sobretudo, para as questões metodológicas e significados desse tipo de pesquisa. Num primeiro momento, trazemos uma breve trajetória da entidade em cujo espaço e processo de trabalho a pesquisa foi realizada. Segue-se uma apresentação da opção metodológica e estratégica da pesquisa participativa de cunho formativo e avaliativo. Juntamente com os instrumentos de geração das informações, indicamos também resultados decorrentes, especialmente, sob o ângulo acadêmico relacionado com as contribuições para a avaliação das práticas educativas do CEFURIA e da Rede de Educação Cidadã - RECID/Talher. Num terceiro momento apresentamos alguns resultados e a discussão do processo metodológico, reconhecendo a pesquisa como uma prática social, política e pedagógica.

Ao caracterizarmos a pesquisa como uma prática pedagógica, social e política pretendemos desenvolver as reflexões a partir de experiências realizadas por nós, os autores, ou pelos grupos de pesquisa de que participamos, ou com os quais dialogamos. Entendemos a teoria como um momento da própria prática, ou seja, o momento quando esta busca se explicitar e compreender. O processo investigativo se insere no campo da pesquisa ação, que teve desdobramentos específicos na América Latina e no Brasil, recebendo a denominação de Investigación-Acción Participativa (IAP) na tradição do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (2009), ou simplesmente de Pesquisa Participante (CAJARDO, 1986; BRANDÃO e STRECK, 2006). Esta se desenvolve por meio de variadas modalidades metodológicas, entre elas, a *sistematização* de experiências inspirada nas bases conceituais e nas experiências originadas nas décadas de 1950 e 1960 e, ao mesmo tempo, incorporam elementos gerados pelo contexto teórico-prático (TORRES, 2010; JARA, 2010). Nesse texto optamos pela denominação mais corrente no Brasil para trabalhos desta natureza: pesquisa participante.

Partimos do pressuposto, hoje já referendado na pesquisa social pela comunidade científica, de que não precisamos abrir mão da subjetividade, desde que saibamos lidar com ela, “não como algo que deva ser mecanicamente controlado, mas como um fator a ser levado em conta, como um dos componentes da própria situação de pesquisa, como de resto, em tudo o mais

na vida” (BRANDÃO, 2003, p. 47). Assim, implícita ou explicitamente, além de motivações pessoais, a inserção do pesquisador incorpora os interesses objetivos e subjetivos voltados para grupos sociais que resistem e lutam por transformações para suas vidas.

Para ilustrar a sutileza dessas relações, apresentamos uma breve digressão com dois mitos, cuja relação com o conhecimento contribuiu na constituição de povos em distintas épocas. O mito bíblico da criação do homem e da mulher é seguido da história da expulsão do jovem casal do paraíso, por um motivo aparentemente inocente. No meio do jardim havia uma árvore, cujos frutos eram estritamente proibidos, e a pena por desobedecer era nada menos do que a morte. É a tentadora serpente que explicita o motivo: “Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (GÊNESIS 3, 5). Qual poderia ser o problema de experimentar os frutos da árvore do bem e do mal que dariam acesso ilimitado ao conhecimento, tornando os humanos semelhantes ao seu criador? Qual a razão da ira implacável do criador por essa desobediência e o consequente castigo, entendido teologicamente como “queda do paraíso”?

Outro mito da criação do homem, dos maias quiché na América Central, conta quando o criador, o Coração do Céu, pergunta às suas criaturas o que elas pensam de seu estado e elas respondem, maravilhadas e agradecidas, que podem ver, ouvir, pensar, falar e andar: “Sentimos perfectamente y conocemos lo que está lejos y lo que está cerca. Vemos también lo grande y lo pequeño en el cielo e en la tierra” (POPOL VUH, p. 126). O que seria uma antecipação das possibilidades conquistadas pelos avanços tecnológicos, com a criação de telescópios e microscópios, é percebido pelo criador como um perigo. “Refrenemos un poco sus deseos, pues no está bien lo que vemos. Por ventura se han de igualar a nosotros, sus autores, que podemos abarcar grandes distancias, que lo sabemos y vemos todo?” (POPOL VUH, p. 127). E assim mudaram a natureza de suas criaturas, lançando como que um véu sobre seus olhos para que pudessem ver apenas o que está perto.

Esses mitos suscitam a ideia de que cada cultura e cada sociedade desenvolve a sua relação com o conhecimento e com o processo de sua criação, a partir de crenças, de mitos ou de vivências. Há sempre os lugares ou os frutos proibidos para todos, ou para alguns, a partir dos limites estabelecidos por regras ou por interditos consensuados ou impostos. Há também os lugares seguros ou, mais do que isso, aqueles lugares onde se recebem incentivos e recompensas, tanto em termos de reconhecimento por determinado grupo social quanto em termos de financiamento para os projetos.

Contextualizando a pesquisa

A história do CEFURIA se inicia na década de 1980, na região Sul do Brasil, como Centro de organização e educação popular no contexto de redemocratização (SOUZA, 2006). Havia visíveis avanços no campo político, especialmente da organização popular, mas, ao mesmo tempo, apareciam os resultados desastrosos de uma política econômica que gerou, entre outros problemas, um extraordinário desemprego, uma urbanização desordenada e ampliação do empobrecimento e da desigualdade social (ADAMS, 2010).

De outra parte, nesse período de implantação, em maior ou menor escala, das políticas neoliberais nos países da América Latina, verificou-se no Brasil a proliferação de Movimentos Sociais, Organizações ou Centros de Educação Popular (MEJÍA JIMÉNEZ, 2006; ZIBECHI, 2007). Nesse contexto, um grupo de educadores cristãos se inseriu nas periferias da cidade de Curitiba, para apoiar as lutas sociais na região (SOUZA, 2007). Inspirando-se na teologia da libertação e na proposta da educação popular o CEFURIA atuou na periferia urbana desenvolvendo atividades de organização e formação popular e sindical, e bíblico-teológica. A trajetória da instituição foi marcada pela atuação com o movimento popular, contribuindo, especialmente, na articulação dos movimentos sociais urbanos.

A partir de 1989, com os acontecimentos a nível mundial, como a queda do muro de Berlim, a derrota Sandinista na Nicarágua, o Consenso de Washington, entre outros, e acontecimentos nacionais, como a derrota de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais e refluxo dos Movimentos Sociais Urbanos, os movimentos sociais e organizações não-governamentais (ONGs) em geral, não ficaram imunes. O CEFURIA, igualmente, viveu anos de crise de identidade e mesmo de sustentabilidade material e financeira (TRIGO, 2007).

Durante a década de 1990, o CEFURIA acolheu a secretaria operativa da Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria⁴ (inspiração de Betinho, do IBASE), contribuindo para retomar algumas mobilizações em torno de questões, como: a ética na política, luta contra as privatizações e outras reformas constitucionais. A partir do ano 2000 a entidade contribuiu ativamente em

4 Em 1992, Betinho foi uma das principais lideranças do Movimento pela Ética na Política, cujo movimento contribuiu no impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Em meio a essa energia mobilizadora, a Campanha de Ação pela Vida da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida surgiu nesse contexto, para aproveitar a energia mobilizadora da ocasião. Hoje essas ações de cidadania continuam sendo realizadas por diferentes atores da sociedade organizada, mas também governos que atuam na erradicação da fome e da miséria.

mobilizações nacionais das organizações, como: Plebiscitos Populares, Fóruns Sociais Mundiais, o Projeto Popular para o Brasil, entre outras.

A discussão sobre a identidade do CEFURIA frente aos desafios de pensar o seu futuro se constituía em uma agenda permanente, considerando o novo contexto sociopolítico e a exigência de encontrar novos meios de sustentação financeira. Qual seria, nesse momento histórico, o caminho mais adequado para continuar contribuindo no processo de transformação social? A ênfase deveria ser a atuação local? Ou a articulação dos movimentos populares da região e inserção nas mobilizações nacionais?

Com apoio de assessorias externas realizaram-se avaliações e discussões estratégicas para redefinir as linhas de ação da instituição. Em 2003 ocorreu a definição de priorizar a formação política e organização de setores populares com foco na região metropolitana de Curitiba.

Com a eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, os gestores do CEFURIA tomaram a decisão de, pela primeira vez, utilizarem recursos públicos para desenvolver seu trabalho, algo que também vinha sendo estimulado pelos organismos de cooperação internacional junto às entidades parceiras no Brasil. O CEFURIA assumiu o projeto da Rede de Educação Cidadã - RECID/Talher⁵ para o Estado do Paraná, um programa de educação e organização popular ligado diretamente à Presidência da República. Esse fato influenciou decisivamente nos rumos do trabalho até os dias atuais. Essa parceria com o governo federal permitiu a ampliação do número de educadores e a retomada do trabalho de base junto às populações mais empobrecidas, entre outras atividades, o estímulo às iniciativas de economia solidária: padarias comunitárias, clubes de troca, associações de catadores de materiais recicláveis, educação de jovens e adultos, mulheres e assim por diante.

O processo da pesquisa: alguns destaques

A investigação nasceu de uma construção coletiva com a coordenação daquele Centro de Educação Popular, para o qual a proposta de pesquisa viria a subsidiar uma avaliação institucional dos últimos sete anos (2003-2010). A partir de dezembro de 2009 iniciaram-se as interações de campo da nossa equipe junto

5 A Rede de Educação Cidadã / Talher Nacional nasceu no espírito do Programa Fome Zero do Governo Luiz Inácio Lula da Silva e atua nos programas de erradicação da fome e da miséria. Envolve diversos atores sociais, entidades e movimentos populares do Brasil com a missão solidária de realizar processos sistemáticos de sensibilização, mobilização e educação popular (Mais informações: <http://www.paulofreire.org/Programas/RedeDeEducaoTalher>. Acesso em: 02 jun. 2011).

ao CEFURIA para o conhecimento da estrutura e organização da instituição, bem como para reconhecer as experiências de trabalho desenvolvidas por seus educadores. Em reuniões com membros da coordenação e conselho, equipe do CEFURIA, educadoras e educadores da Rede de Educação Cidadã – RECID, foram levantados os focos da pesquisa que se configurou em torno da identificação e análise das práticas desenvolvidas, para compreender seu alcance e oferecer subsídios para o planejamento futuro. Em que medida as mudanças estratégicas e de foco de ação da entidade, a partir de 2003, alcançaram os resultados desejados?

Como estratégia educativa e de empoderamento dos sujeitos, a pesquisa assumiu uma dinâmica participativa, envolvendo todo o corpo funcional do CEFURIA: conselho político, equipe executiva, colaboradores, público-alvo da entidade e instituições parceiras. A preparação com os grupos de pesquisa ocorreu em uma “oficina” especialmente realizada para clarear competências da relação entre CEFURIA/RECID e UNISINOS, discutir a concepção teórico-metodológica da pesquisa participante, encaminhar o cronograma de atividades, definir as responsabilidades e a dinâmica geral do processo. Com isso garantiu-se a unidade necessária, seja na concepção como na forma dos procedimentos.

Tendo como ponto de partida a pré-análise de elementos recolhidos até então - através de diferentes interações dialógicas e leituras de documentos, concluímos a proposta do caminho metodológico com a elaboração de diversos instrumentos para proceder à coleta de informações:

- a. Um primeiro instrumento foi dedicado à discussão em grupo com os sujeitos envolvidos no trabalho desenvolvido pelo CEFURIA, que teve como objetivo motivar a discussão com cada grupo alvo – rodas de avaliação, a partir de temas geradores levantados conjuntamente na oficina preparatória: a relevância da atividade para cada grupo e para cada pessoa; a relação e repercussão na comunidade (local e ampla); os apoios recebidos (em especial do CEFURIA); e o papel da pesquisa (universidades ou centros de pesquisa) – o sentido da pesquisa para o grupo, para a transformação social.
- b. Um roteiro de observação, contendo indicadores de emancipação, teve como objetivo captar os resultados do trabalho em termos de “construção do poder popular” em práticas sociais desenvolvidas pela instituição, problematizando três dimensões: a preocupação com a sustentabilidade (sociocultural, ambiental e econômico-financeira); a busca da dignidade e qualidade de vida; e o cultivo dos princípios da autogestão (gestão democrática e participação cidadã).
- c. Outro instrumento serviu para atualização de dados, especialmente quantitativos, dos grupos com quem o CEFURIA atua.

d. Por fim, um instrumento de orientação, com os aspectos práticos do processo de pesquisa, foi disponibilizado para qualificar o trabalho de “pesquisa a muitas mãos” (BRANDÃO, 2003).

O desenvolvimento da investigação aconteceu por meio de rodas de avaliação, observação participante, atualização de dados dos grupos e um mutirão de pesquisa realizado *in loco*, durante três dias, com a participação de um grupo de dez pessoas (entre professores pesquisadores, pós-doutorandos, doutorandos e bolsistas de iniciação científica da UNISINOS). O leque de atividades consistiu na observação, nas discussões coletivas com oito grupos distintos (internos à instituição, público alvo e parceiros), e entrevistas individuais, envolvendo 76 pessoas: 8 das universidades, 17 egressos das Escolas de Economia Solidária, 9 lideranças de movimentos sociais e de entidades parceiras, 19 conselheiros do CEFURIA, 9 educadores da RECID e membros da coordenação e funcionários dessas instituições. Foram ao todo 266 participantes dos processos de pesquisa, além das 25 pessoas que colaboraram diretamente na realização dos mesmos.

A análise compreensiva se iniciou pela organização e destaques de aspectos ligados ao sentido pessoal e coletivo de cada experiência, às compreensões presentes nas falas e aspectos observados; questões ligadas ainda ao impacto ou incidência no espaço local e amplo, o detalhamento dos principais conflitos e tensões, e problematização para perceber questões emergentes.

Uma síntese dos resultados preliminares foi elaborada em torno das seguintes questões ou temas, que foram a base de diálogo problematizador com membros dos diversos grupos envolvidos: a relação entre engajamento prático e aprofundamento teórico na atuação do CEFURIA; a tensão entre o trabalho com grupos e a vida institucional; a identificação de novas demandas e parcerias; a relação entre ação local e articulação regional, nacional e internacional (o micro e o macro); a fragilidade do atual trabalho ecumênico e a missão original do CEFURIA; os descompassos entre uma proposta metodológica democrática e a lógica da gestão de projetos; as contradições entre o discurso de autonomia e a dependência de recursos externos.

A partir dessa primeira discussão o texto foi reescrito, disponibilizado anteriormente e debatido na Assembléia Geral do CEFURIA. Na ocasião, foi assumido como subsídio para a (re)construção do plano político-pedagógico da entidade.

Após essa breve apresentação do processo metodológico e indicação de alguns resultados, passamos a uma discussão das três dimensões anunciadas, que foram se constituindo como pressupostos centrais: a pesquisa como uma prática social, uma prática política e uma prática pedagógica. Por motivos didáticos apresentamos essas dimensões separadamente, embora, na prática, elas se apresentem imbricadas uma na outra.

A pesquisa como prática social

A pesquisa buscou trazer à tona sentidos presentes, tensionamentos e questões a aprofundar em relação a tendências emergentes nas práticas analisadas. Nas avaliações realizadas, de acordo com alguns testemunhos, a pesquisa interferiu na prática social e incidiu na realidade em movimento. Perguntada sobre o impacto da pesquisa, uma educadora do CEFURIA destacou: “Houve uma mexida, levantou muitas interrogações e fez repensar nossas ações. A pesquisa apontou questões de fundo, não percebidas no dia-a-dia”.

Compreender a pesquisa como uma prática social, significa situá-la no conjunto de atividades que conformam o tecido social. Se uma das lições que o pesquisador precisa aprender é lidar com a tensão entre aproximação e distanciamento dos fenômenos e objetos que estuda, ele também cedo aprende a verdade expressa pelos maias-quiché no mito acima descrito: o “véu” que cobre os olhos dificulta a visão das coisas e estamos “condenados” a viver com dúvidas e incertezas. A busca de Descartes (1958) para superar a dúvida radical sobre tudo que existe e pode ser conhecido através de um método que permita ver de forma “clara e distinta” se mostrou insuficiente para sair dessa condição denunciada pelos mitos, quer se veja isso como condenação de deuses, ou como contingência da inteligência humana. Na pesquisa com o CEFURIA isso significou levar em conta as diferentes perspectivas, entre as quais: a coordenação, os membros da equipe, as agências financiadoras, as entidades relacionadas (sindicatos, igrejas, ONGs e universidades) e os grupos assessorados pelo CEFURIA.

John Shotter (2010), seguindo Wittgenstein, argumenta no sentido de não nos entendermos como pensadores estáticos, fixados em um ou outro sistema de pensamento, mas antes, como seres capazes de adotar atitudes ou orientações que ajudem a situar-nos (*moving around*) para sentir-nos mais em casa e com isso sermos mais capazes de “saber como ir adiante” (*knowing how to go on*). “A imagem de que necessitamos, eu penso, é algo assim: É como se estivéssemos vivendo sempre dentro de um denso nevoeiro, e precisamos atuar como pessoas cegas tocando e sentindo (*sensing*) em vez de ver” (SHOTTER, 2010, p. 19). No entanto, aquilo que tocamos e percebemos não pode ser considerado objeto em si, mas, possibilidades que essas realidades apresentam para nós em termos de futuros possíveis passos. São as atuais circunstâncias provocando a antecipação de novas ações. Vimos esse movimento se concretizar na utilização dos dados coletados durante o processo de planejamento.

De acordo com alguns testemunhos, a pesquisa participante, da forma como foi realizada, interfere na prática social e incide na realidade em movimento. Perguntada sobre o impacto da pesquisa, uma educadora do CEFURIA destacou:

“Houve uma mexida, levantou muitas interrogações e fez repensar nossas ações. A pesquisa apontou questões de fundo, não percebidas no dia-a-dia”.

Como uma prática social, a pesquisa interfere na realidade, a começar pela escolha dos temas entre uma infinidade de possibilidades e de perguntas, a opção do pesquisador se coloca como um fator que direciona o olhar para determinado “lugar” da sociedade. Com seus dados e resultados legitima certas visões e leituras da realidade em detrimento de outras. A pesquisa participante procura diminuir o risco de direcionamento do processo, exclusivamente, pelo pesquisador. O potencial da pesquisa, do ponto de vista dos sujeitos, é avaliado pela seriedade que percebem na relação estabelecida e que indica o tipo de postura do pesquisador.

Confrontamo-nos durante a pesquisa com um senso comum presente na opinião pública, que é resultado de uma relação não co-responsável entre pesquisador e os demais sujeitos da pesquisa. Uma senhora de um projeto social de periferia da cidade foi muito clara em relação a isso, quando disse que havia muitas pessoas da universidade que vinham ali fazer pesquisa e que eles já sabiam as respostas que deveriam dar. De maneira semelhante, um homem, integrante de uma associação de recicladores de resíduos sólidos, manifestou, numa reunião de pesquisa, que até esse momento os pesquisadores haviam ido até lá apenas para “sugar” informações. Referiam, no entanto, que essa pesquisa da qual participaram desde o seu início, podendo inclusive contribuir para a construção dos instrumentos de coleta de dados, foi radicalmente diferente no seu processo, mas também por trazer resultados diretos para qualificar a prática: “O processo de pesquisa trouxe à tona questões que estavam escondidas e mobilizou a criatividade para novas formas de continuar o trabalho” (depoimento de uma educadora).

Essas manifestações revelam a importância de estabelecer relações dialógicas e de confiança, que promovam uma interferência criativa e produtiva na vida da comunidade. Nos dois primeiros exemplos, as práticas de pesquisa tiveram o impacto negativo de reforçar o (pre)conceito existente em relação à pesquisa acadêmica nos meios populares. Já na pesquisa participativa realizada no CEFURIA criou-se uma relação virtuosa de construção do conhecimento socialmente útil para todos os implicados pelo seu processo participativo que, por sua vez, fez com que os sujeitos da pesquisa se apropriem dos resultados (conhecimentos produzidos) porque participaram ativamente da sua construção.

O pesquisador e a pesquisadora têm, por certo, um lugar privilegiado na leitura do mundo através dos instrumentos que aprenderam a manejar. Isso, no entanto, não lhes dá, por si, exclusividade na interpretação da realidade e nem da definição das intencionalidades e finalidades da pesquisa. Berger e Luckmann (1974) definiram a questão nos seguintes termos: “O que permanece sociologicamente essencial é o reconhecimento de que todos

os universos simbólicos e toda a legitimação são produtos humanos, cuja existência tem por base a vida dos indivíduos concretos e não possui status empírico à parte dessas vidas” (BERGER ; LUCKMANN, 1974, p. 172). Em outras palavras, por mais científica que a pesquisa se proclame, ela participa do processo de construção de universos simbólicos referidos à existência concreta de indivíduos e de grupos. A reclamação, muitas vezes ouvida e repetida, de que a pesquisa acadêmica está separada do mundo de vida concreto, deve-se ao fato de esta não levar em conta os universos simbólicos habitados por aqueles que, supostamente, deveriam ser “atingidos” pela pesquisa. A decisão do CEFURIA em solicitar nossa contribuição se deu exatamente pela proposta de pesquisa participativa coerente com o que acima já afirmamos: uma prática coletiva, onde o processo e os resultados da pesquisa são geradores de conhecimentos capazes de empoderar os sujeitos da pesquisa, proporcionando aprendizados e sentidos novos também para o pesquisador. A pesquisa assim conduzida se constitui numa prática social coletiva. Por mais que o pesquisador necessite de momentos de solidão, o seu trabalho de produção de conhecimento é uma atividade coletiva, de diálogo com interlocutores próximos e distantes, visíveis e invisíveis. Paulo Freire (1995), em *À sombra dessa mangueira*, refletiu bem essa tensão entre estar só e estar com. “Enquanto adverbialmente só é que percebo a substantividade de estar com” (FREIRE, 1995, p. 17). O lado perverso dessa solidão é o isolamento egoísta, de quem se basta a si mesmo e reduz o outro a uma sombra de si mesmo. A pesquisa, nesse caso, é mais propriamente uma prática (social) a-social ou anti-social, na medida em que não contribui para a reconstrução do tecido social.

A pesquisa como prática política

A opção por realizar a pesquisa com o CEFURIA foi uma decisão de caráter político. O grupo de pesquisa tem, como um de seus pressupostos teórico-metodológicos, que uma das funções da pesquisa é ajudar pessoas e grupos a “pronunciar” o seu mundo. Uma entidade que atua com carrinheiros, padarias comunitárias, clubes de troca e outras atividades marginais, em termos do mercado, oferecia a oportunidade tanto de traduzir essas realidades em linguagem acadêmica quanto de propiciar contextos para a articulação individual e coletiva da voz dos sujeitos participantes. Sabíamos que a pesquisa participa das disputas por poder e da construção de interpretações hegemonicamente aceitas como válidas ou legítimas. Levar em conta o seu caráter político significa lidar com pelo menos três temas

no âmbito da pesquisa, a saber: a neutralidade como uma impossibilidade; a objetividade como busca de comunicação com o outro; e a rigorosidade como compromisso profissional e ético. Vejamos brevemente cada um desses três elementos.

a) Foi com o movimento da educação popular e pesquisa participante que, na América Latina, a suposta neutralidade científica passou a ser denunciada não apenas como impossível, mas como um posicionamento velado a favor dos dominantes. Parte-se do pressuposto de que na sociedade existem interesses diferentes, alguns deles antagônicos, e que o discurso da neutralidade mascara essa realidade. Dito de outra forma, envolver-se em pesquisa significa “tomar partido” por projetos de sociedade e por visões de mundo que, em última instância, se definem no campo político através das relações de poder. A não neutralidade significa ter consciência dos grupos sociais e dos lados do jogo político, cuja ação se deseja potencializar através da pesquisa. Com isso, evidentemente, não se está isento do risco de dogmatismos e idealizações daqueles que se deseja “ajudar” com a pesquisa. O melhor antídoto para isso é colocar sob permanente suspeita os próprios pressupostos e compromissos. Em nossa experiência o grupo de pesquisa foi fundamental para não cair na tentação de simplificações. Procuramos realizar as entrevistas e observações em duplas, que depois redigiam o relatório. Este era então lido e discutido pelo grupo de pesquisa. O CEFURIA, como muitas entidades de educação popular, se encontra sob forte pressão de agências externas, que se refletem em conflitos internos, através de jogos de poder nem sempre explicitados. Buscamos construir a pesquisa como um espaço público que, junto com a assunção da não neutralidade, afirmasse o compromisso de vigilância epistêmica, o que garantiu a expressão de posições divergentes.

b) A objetividade, por seu turno, diz respeito às condições de comunicação entre pesquisadores, sobre determinado tema ou objeto. A conversa, dizem Peter Berger e Thomas Luckmann (1974, p. 203), só é possível quando existe, como pano de fundo, “um mundo que é tacitamente aceito como verdadeiro”. No trabalho com o CEFURIA este pano de fundo era a realidade das entidades de educação popular, que se vêem confrontadas com desafios muito diferentes daqueles dos anos 1980, quando foram criadas.

Também na teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas (1996) o entendimento se produz na intersubjetividade, mediada pela linguagem que pressupõe interlocutores dispostos a aceitar condições que garantam validade para o que se propõem a dizer. Catia Devechi (2010) vê, por isso, na teoria de Habermas, um instrumento para superar um certo subjetivismo “ingênuo” que se faz notar na pesquisa em educação. Segundo ela,

Trata-se de dar um sentido pragmático à pesquisa na educação, que evitaria a redução em verdades intuitivas e/ou dogmáticas, permitindo a validação dos saberes pela possibilidade do acerto comunicativo a ser colocado à prova na ação. A referência ao mundo que é de todos e a possibilidade de validação crítica dos enunciados pela comunicação fariam da pesquisa um compromisso com a prática coletiva, elemento esse que deveria ser preocupação de toda e qualquer investigação (DEVECHI, 2010, p. 271).

Podemos trazer, como exemplo do que estamos propondo, a observação em padarias comunitárias na região metropolitana de Curitiba. Constatamos, em nossas visitas e entrevistas, que as mesmas não se organizavam para adquirir a farinha e outros insumos para fazer o pão e os doces. Do ponto de vista da racionalidade econômica, qualquer associação deveria saber que adquirir a farinha de um mesmo fornecedor possibilita negociar preços mais favoráveis. Foi apenas no diálogo com os agentes comunitários e com integrantes das padarias que se constatou a inviabilidade da proposta, já antes testada por eles. Os dados “objetivos” do instrumento de pesquisa elaborado para analisar os processos e a produção das padarias de pouco serviram para avançar na busca de saídas para esse problema. A objetividade estava, não nas conclusões da tabela, mas na reafirmação e re colocação do problema a partir do diálogo, no qual os valores e pressupostos dos pesquisadores foram postos em xeque. Nessa situação, “objetivamente” considerando as distâncias entre os bairros, o volume consumido e a economia local, a melhor solução ainda é cada padaria adquirir os insumos a partir de suas pesquisas e condições locais, o que não impede que, em algum momento do futuro, um armazém central venha a ser uma alternativa vantajosa.

c) Outra marca da pesquisa como prática política é a rigorosidade metódica (FREIRE; SHOR, 1986). Trata-se, mais propriamente, do caráter ético-político da pesquisa. A pesquisa como uma atividade não neutra e, ao mesmo tempo, fundada em reclamos de objetividade, pode ser instrumentalizada, tanto pelas agências financiadoras, especialmente quando se trata de fundações vinculadas a empresas, quanto pela militância de grupos sociais. Pesquisa engajada é muitas vezes confundida com pesquisa pouco confiável, por colocar como premissa a sua parcialidade.

Numa entrevista, após uma reunião com a equipe do CEFURIA e membros dos grupos apoiados pela entidade, um repórter perguntou se este tipo de pesquisa não levava a uma acomodação dos resultados. A suspeita seria justificada se houvesse apenas a reprodução das informações, o que não foi o caso. Tivemos o cuidado, após a análise, de apresentar as conclusões em forma de tensões, que por sua vez exigiam novos debates e tomadas de decisão. Por exemplo, uma dessas

tensões foram os descompassos entre uma proposta metodológica democrática e a lógica da gestão de projetos. É um conflito sentido na entidade que, através da pesquisa, conseguiu explicitar ambos os lados, tornando-a mais apta a enfrentar o problema. Da parte dos gestores, a intencionalidade democrática muitas vezes esbarrava em exigências burocráticas externas, enquanto que os membros, por sua vez, tinham pouco acesso às atividades de gestão.

A rigorosidade exige permanente atenção àquilo que, no seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*, Freire define como *pensar certo*. Longe de propor a defesa de algum tipo de fundamentalismo, o pensar certo tem a ver com a radicalidade que, para ele, ao buscar a raiz dos fatos e idéias, ao mesmo tempo se abre para o que está ao lado. É como a pedra que, ao buscar a profundidade do lago, provoca a formação de círculos concêntricos no espelho d'água. Em suas palavras: “Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias para pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas” (FREIRE, 1996, p. 30). Vimos, ao longo do processo, a importância de constantemente questionar as certezas, não como alguém que já tem as respostas, mas como alguém que se coloca junto na busca das perguntas e das respostas.

Pesquisa como prática pedagógica

Pelo simples fato de a pesquisa implicar a interação de sujeitos diferentes e o contato com outra realidade, há aprendizagem e ensino de ambos os lados. Dentre as dimensões desse ensinar e aprender destacamos as seguintes: a relação com o conhecimento; o re-conhecimento do outro; a complexidade dos fatos e objetos.

Ensinar e fazer pesquisa tem intencionalidades e metodologias distintas, mas ambas atividades se inserem no mesmo grande objetivo de recriação e produção do conhecimento. Ensinamos e aprendemos, tanto na prática educativa quanto na prática de pesquisa, uma forma de lidar com o conhecimento. Mais do que isso, formamos uma compreensão de conhecimento a partir do modo como realizamos o nosso trabalho. Na medida em que entendemos que o nosso campo de pesquisa não é constituído por meros informantes, mas por pessoas que têm as suas maneiras de conhecer e produzir saberes que lhes auxiliam no cotidiano, constrói-se outro entendimento das estratégias e da metodologia da investigação. Os carrinheiros, por exemplo, não têm apenas um conhecimento técnico sobre o material reciclável coletado, mas em seus espaços organizativos constroem saberes sobre a cidade, a ecologia e as relações de poder.

Esse reconhecimento implica entender a pesquisa como processo destinado a produzir conhecimentos aceitos como válidos e confiáveis, sendo o teste para este critério o seu potencial de gerar ações que modifiquem a situação-problema. Não é demais repetir a frase atribuída a Maslow, de que uma criança que só conhece o martelo pensa que tudo que encontra pela frente são pregos (BRANDÃO, 2003, p. 45; BAUER ; GASKELL, 2002, p. 22). Não existe o melhor método ou as melhores estratégias e instrumentos, em si. O que existem são métodos mais ou menos adequados para as situações sociais que se deseja compreender.

Um método científico é uma seta entre outras apontando um caminho entre outros. As técnicas de pesquisa e os procedimentos experimentais são o calçado que eu uso e o bastão que eu carrego ao caminhar. Mas quem caminha pelo conhecimento sou eu, uma pessoa, e o caminho por onde vou, bem sei, não é nunca único (BRANDÃO, 2003, p. 61).

Nesse sentido, também não existem teorias certas ou erradas *à priori*. As padarias, em que pese sua contribuição para a renda familiar, são um lugar de convivência para os membros do grupo e deste com a comunidade. O mesmo pode ser dito dos clubes de troca, também com predominância feminina, que vieram a substituir a simples distribuição de cestas de alimentos. Mesmo que a pesquisa parta de teorias existentes enquanto uma reflexão consolidada de uma prática, é muito provável que, ao longo do percurso, esta será modificada. Como diz o ditado popular: “Na prática, a teoria é outra”. Isso não desmerece a teoria, mas revela a necessidade de fazer da teorização um processo permanente, no qual as teorias anteriores sejam valorizadas como balizadoras de novas elaborações teóricas.

Em síntese, a pesquisa é uma prática pedagógica porque no diálogo as pessoas vão tomando distância de seu cotidiano e tornando-o objeto de reflexão. Disse um secretário de educação de um município, em outra pesquisa, que o fato de alguém pesquisar com eles, proporcionava a possibilidade do olhar de fora do “olho do furacão”. Nem se tratava de trazer respostas, o que equivocadamente os pesquisadores às vezes julgam seu papel principal, mas de encontrar as perguntas certas. Durante a pesquisa este grupo havia se fortalecido como sujeito capaz de encontrar as respostas para os seus problemas. As avaliações realizadas ao longo do movimento de pesquisa corroboram este resultado para os grupos participantes no projeto.

Essa constatação confirma o potencial pedagógico da pesquisa para formação da autonomia e para a emancipação. Bauer e Gaskell (2002, p. 35) colocam a questão nesses termos:

A prontidão dos pesquisadores em questionar seus próprios pressupostos e as interpretações subseqüentes de acordo com os dados, juntamente com o modo como os dados são recebidos e por quem são recebidos, são fatores muito mais importantes para a possibilidade de uma ação emancipatória do que a escolha da técnica empregada.

A própria pesquisa, como mediação pedagógica, pode se constituir, então, como uma agência educadora e participante para a compreensão e transformação da sociedade.

Considerações finais

A pesquisa respondeu a uma demanda originada na problemática de uma prática social que exigia uma melhor compreensão, o que foi participativamente trabalhado no processo de investigação. Como mediação dialógica de aprendizado partilhado a pesquisa proporcionou uma dinâmica altamente educativa para a equipe de pesquisadores e sujeitos envolvidos, constituindo-se um espaço efetivo de construção de conhecimento. Como parte de uma dinâmica educativa popular, teve como meta contribuir para o empoderamento de grupos empobrecidos, fortalecendo, igualmente, suas organizações e movimentos de caráter emancipador.

Com o presente artigo, afirmamos o papel da pesquisa como uma tarefa pública, no sentido de construção da cidadania. Não pode haver democracia plena sem uma cidadania bem informada e participativa. Compreender a pesquisa como uma prática social, política e pedagógica significa, nesse sentido, ter presente o seu papel formativo da opinião e da consciência individual e coletiva. As recentes discussões sobre o impacto social da pesquisa têm a intenção de resgatar essa função pública, ao avaliar a incidência na vida da sociedade e das políticas públicas. Nessa discussão, no entanto, deve ser também levado em conta que o ritmo da pesquisa social não é o mesmo da formulação de políticas e que, entre o acúmulo de conhecimentos sobre determinado tema e a concretização de estratégias de ação, há muitas mediações a serem levadas em conta.

Praticar a pesquisa significa participar nesse campo de disputas em torno do saber-poder-ser. Conceitos, como: compreender, identificar, analisar, estudar e descrever, estão perpassados de significados que, por sua vez, indicam os limites, as potencialidades e as intencionalidades da prática de pesquisa. Partindo desse pressuposto procuramos explicitar, com base numa experiência, a pesquisa como uma prática social, política e pedagógica. Argumentamos que é uma prática social, enquanto participa na construção de significados e sentidos que orientam uma sociedade; é uma prática

política, enquanto a produção de conhecimento implica decisões de caráter ético-político, que refletem os jogos de poder e deles participa ativamente; por fim, é uma prática pedagógica, na medida em que as relações na pesquisa – entre pesquisadores, sujeitos da pesquisa, objeto da investigação e conhecimento produzido – se inserem no ensinar-aprender a sermos humanos, de uma forma ou de outra.

Referências

ADAMS, T. **Educação e Economia Popular Solidária: mediações Pedagógicas do Trabalho Associado**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo Cortez, 2003.

BRANDÃO, C. R; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: A partilha do saber**. 2. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

DEVECHI, C. P. V. A racionalidade comunicativa de Habermas e a possibilidade de crítica e objetividade na produção do conhecimento educacional empírico. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 259-273. jul./dez. 2010.

CAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DESCARTES, R. **Philosophical Writings**. Selected and translated by Norman Kemp Smith. New York: Random House, 1958.

FALS BORDA, O. **Uma sociologia sentipensante para América Latina**. Compilado por Victor Manuel Moncayo. Bogotá: Siglo Del Hombre Editores y CLACSO, 2009.

FREIRE, P. **À sombra dessa mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

GÊNESIS. In: **Bíblia Sagrada** (Antigo e Novo Testamento). Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1958.

HABERMAS, Jürgen. **Conciencia moral y acción comunicativa**. Barcelona: Península, 1996).

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Rede de Educação Cidadã**. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/Programas/RedeDeEducacaoTalher>. Acesso em: 02 jun. 2011.

JARA, H. O. **Trayecto y búsquedas de la sistematización de experiencias en América Latina (1959-2010)**. San José (Costa Rica): CEP - Centro de Estudios y publicaciones Alforja, 2010.

MEJÍA JIMÉNEZ, M. R. **Educación(es) em la(s) globalización(es)**. Entre el pensamiento único y la nueva crítica. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2006.

MORENO OLMEDO, A. **El aro y la trama: episteme, modernidad y pueblo**. Caracas: Centro de Investigaciones Populares, 1993.

POPOL VUH (**Las Antiguas Historias del Quiche**). Versión Adrián Recinos. México: Editorial Concepto, s.d.

SHOTTER, J. Movement of Feeling and Movement of Judgement: Towards an Ontological Social Constructivism. **International Journal of Action Research**, 6 (1), p.16-42. Mering-D: Rainer Hampp Verlag, 2010.

SOUZA, A. I. **CEFURIA: 25 anos fazendo história popular**. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2006.

_____. (Org.). **Irmã Araújo: vida e obra**. 2. ed. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2007.

TORRES, C. A. Generating Knowledge in Popular Education: From Participatory Research to the Systematization of Experiences. **International Journal of Action Research**, 6 (2-3), p. 196-222. Mering-D: Rainer Hampp Verlag, 2010.

TRIGO, R. A. E. **CEFURIA – Militância e paixão: um estudo sobre a processualidade do sujeito político em contexto de formação**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2007.

ZIBECHI, R. **Dispersar el poder: los movimientos sociales como poderes antiestatales**. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2007.

Recebimento em: 04/07/2011.

Aceite em: 19/08/2011.